

A Comunicação Sobre o Zika Vírus na Visão dos Especialistas da Área da Saúde¹

Caio Henrique dos Santos ROSA²

Ana Paula Machado VELHO³

Centro Universitário Cesumar (Unicesumar), Maringá, PR

RESUMO

Este artigo é resultado de um trabalho monográfico, que buscou compreender de que forma os especialistas da área da saúde avaliam as estratégias do conteúdo jornalístico para combater a epidemia do zika vírus. A partir de uma pesquisa exploratória e descritiva, foram realizadas entrevistas com profissionais da área, a fim de analisar o jornalismo como ferramenta da comunicação em saúde na cobertura desta epidemia. O trabalho contou com as estratégias de comunicação em saúde na mídia, bem como os principais desafios para combater o vetor. Por meio da opinião dos especialistas, foi possível identificar como a mídia se apropria dessas informações para transmitir à população e se a comunicação em saúde considera o sujeito usuário como alguém que tem a oportunidade de atuar em defesa dos seus direitos e deveres.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação em saúde, zika vírus, cidadão, jornalismo

INTRODUÇÃO

O mosquito *Aedes aegypti* é responsável por disseminar o vírus da dengue, da febre amarela, da chikungunya e, recentemente, do zika, no Brasil. Esse vetor é constantemente foco dos noticiários, porém a população e as autoridades não conseguem combatê-lo e os casos das doenças aumentam, assim como suas complicações. Surge, então, o campo da comunicação em saúde, que tem como foco contribuir com estratégias que ampliem a participação de todos os atores envolvidos com o tema e viabilizar processos que possam garantir os direitos e deveres dos cidadãos e, ao mesmo tempo, proporcionar a disseminação de informações da área da saúde tão fundamentais para a qualidade de vida do cidadão.

Esta pesquisa se preocupou em analisar a comunicação praticada pela cobertura de saúde, realizada pelo jornalismo, uma das formas de ação da comunicação em saúde.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduado do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Cesumar (Unicesumar), email: caio_hnr@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Pós-doutora em Arte e Tecnologia (LArt) pela Universidade de Brasília (UnB), email: anapaula.mac@gmail.com

Velho, Lucena e Domingues (2016) destacam a ausência de interação dos jornalistas com os profissionais da saúde, que estão cotidianamente lidando com o tema e são responsáveis em gerenciar um volume intenso de informações dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, nem sempre esses dados conseguem chegar à população.

É essa missão que a mídia precisa assumir. Segundo Oliveira (2000), a mídia tem, hoje, espaço privilegiado na sociedade, mas é preciso uma análise sobre como os processos de interação e de construção da notícia ocorrem para que ela consiga cumprir esse compromisso. Esse olhar não deve ser apenas dos profissionais do universo midiático, mas de toda a sociedade para que a informação vire ferramenta que garanta a cidadania.

Um exemplo que incomoda a população e também gerou debate nesta pesquisa é a circulação da informação sobre a transmissão, os sintomas e as complicações das doenças causadas pelo *Aedes aegypti*. Para Velho, Lucena e Domingues (2016), é preciso sistematizar as informações que já têm fundamento científico, aquelas que ainda não têm e o que as pessoas precisam saber, acerca das ações em torno desta problemática, numa perspectiva mais educativa e mobilizadora.

É perceptível que a informação não é suficiente para provocar mudanças, no entanto, é fundamental incitar um processo educativo, a fim de compartilhar conhecimentos que possam auxiliar na luta por melhores condições de vida dos cidadãos (VELHO; LUCENA; DOMINGUES, 2016).

Segundo a pesquisa citada, é preciso estimular o debate sobre temas de interesse público com o intuito de ampliar a participação popular nas decisões sobre a saúde. Tal participação representa estratégia fundamental para qualificar informações sobre a área e o jornalista é um dos profissionais que podem contribuir com esse processo. Porém, precisa compreender o discurso das outras vozes, que compõem o universo da saúde, inserindo a visão deles no contexto da cobertura.

É preciso ampliar o discurso midiático, criando laços com os conteúdos essenciais para que se faça a cobertura adequada sobre determinado tema. Em outras palavras, é preciso que o jornalista interaja com os profissionais das áreas em que se aventuram, procurando captar o conhecimento e a experiência daqueles que estão diariamente em campo (VELHO; LUCENA; DOMINGUES, 2016).

A grande questão é que isso não vem acontecendo. Os profissionais da saúde têm ficado de fora dos textos que são disseminados, de acordo com os autores

mencionados. Dessa forma, mostrou-se necessário ouvir os especialistas sobre os aspectos das doenças causadas pelos *Aedes aegypti*, que vêm desafiando a saúde pública.

De acordo com dados registrados pelo Ministério da Saúde, em 2016 foram indicados 1.426.005 casos prováveis de dengue no país até o dia 13 de agosto. Nesse período, a região Sudeste registrou o maior número de casos prováveis, chegando a 841.286 casos, equivalente a 59% da população. Sobre a epidemia do zika vírus, em 2016, foram registrados 196.976 casos prováveis no Brasil (taxa de incidência de 96,3 casos/100 mil hab.), distribuídos em 2.777 municípios, sendo confirmados 101.851 casos.⁴

A partir da constatação do crescimento de casos do zika e suas complicações, como a microcefalia, pergunta-se: na visão dos especialistas, por que a ação da mídia não vem sendo eficaz para combater esses males? Por essa ótica, o objetivo da pesquisa foi compreender de que forma os especialistas da área avaliam as estratégias e o conteúdo da comunicação em saúde, produzida pelos jornalistas, acerca do zika vírus. Trata-se de uma pesquisa exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico e análise de conteúdo de entrevistas em profundidade, realizadas com três profissionais, que são referências sobre o assunto.

Os especialistas abordaram o que consideram fundamental ser inserido nas ações de comunicação em saúde, no sentido mais amplo e como a área da saúde e do jornalismo podem ser alinhadas. Eles também apresentam a opinião sobre o que precisa ser efetivamente comunicado e quais os desafios que a comunicação em saúde ainda enfrenta.

COMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA MÍDIA

Há dois aspectos mais comuns que envolvem mídia e saúde. Aqueles que são foco das campanhas oficiais do governo, da cobertura de problemas crônicos e aquele que tem como foco falar sobre as descobertas da ciência na área. Por isso, é importante destacar que o problema é que as informações veiculadas sobre o SUS na mídia, geralmente, são relacionadas com as dificuldades do sistema, por conta de algumas falhas do Estado, incompetência de autoridades ou dos profissionais da área, resultando

⁴Divulgado em: http://www.combateaedes.saude.gov.br/images/sala-de-situacao/2016Dengue_Zika_Chikungunya-SE32.pdf

em uma construção de ordem simbólica pouco reflexiva sobre o campo da política de saúde representada pelo SUS.

Por conta disso, a saúde pública é apontada, na maioria dos casos, como um dos principais problemas da sociedade, já que os cidadãos não conseguem identificar no sistema fatores que auxiliam no seu acesso aos serviços (OLIVEIRA, 2000).

Para Oliveira (2000), levando em conta o sistema econômico, cujo sentido normalmente é promover uma constante transferência do sujeito social do campo da política para o do consumo, a comunicação, em especial a midiática, ainda é determinante para promover relações sociais desiguais. Percebe-se no jogo discursivo da mídia, que o conteúdo tende a criar a ilusão de transparência e suavizar as relações sociais, encobrindo o fato de que o sistema econômico é um espaço incentivador da vida social e sua filosofia é totalmente contra a proposta democrática do SUS.

Oliveira (2000) destaca que não se pode dizer que a mídia é um mero instrumento à disposição dos indivíduos, dos grupos informais ou organizados para conhecimento dos fatos e vontades. A mídia é, principalmente, responsável por reproduzir as relações sociais desiguais e atribuir sentidos ao mundo, em correspondência com a dinâmica econômica da sociedade atual.

Por essa ótica, não é possível analisar o campo da mídia sem levar em consideração os outros atores sociais envolvidos, que buscam a predominância de determinados sentidos, por meio das práticas discursivas. Nesse cenário discursivo, observa-se a construção, geralmente, das redes comunicacionais midiáticas (OLIVEIRA, 2000). A comunicação em saúde está inserida no grupo que tem como objetivo informar o cidadão sobre as políticas de saúde e levar informação para que ele se instrumentalize e possa melhorar sua qualidade de vida.

Não só sob o aspecto da construção do SUS, mas também da disseminação de informações e na relação com a construção do sujeito sanitário, aquele que conhece sua condição de corresponsável pela sua qualidade de vida (OLIVEIRA, 2000).

O que se vê é que as ações midiáticas que compõem o universo da comunicação em saúde não contemplam as principais propostas do campo de estudos, que propõem o empoderamento da população por meio da informação e não apoiam o sistema de informação e comunicação ligado à proposta do SUS (OLIVEIRA, 2000).

Diante disso, o objetivo da comunicação em saúde deve ser o de informar o sujeito – usuário da política de saúde –, por meio do conteúdo que não esteja carregado

de termos técnicos, preocupando-se com as dificuldades dele e pensando nesse sujeito como protagonista, capaz de compreender a dinâmica do sistema de saúde, ou seja, que se apropria das informações da forma que esta viabilize o acesso e a efetivação dos seus direitos (RIBEIRO; CRUZ E MARÍNGOLO, 2013).

Mais do que isso, a comunicação em saúde tornou-se o canal de um novo padrão de relações sociais entre agentes de saúde e cidadãos, apoiado na interlocução, participação e corresponsabilidade nas decisões de saúde (KUCINSKI, 2000 apud RATZAN, 1997).

Como ferramenta da comunicação em saúde, o jornalismo pode assumir o importante papel de promover a saúde ou direcionar os cidadãos como devem agir e se defender quanto aos assuntos da saúde, desde que seja realizado em constante contato com os profissionais da saúde. É nesta interação que o jornalista poderá ter a percepção do contexto do tema que está cobrindo e decidir se uma informação será veiculada ou cortada.

Segundo Kucinski (2000), é preciso exercer uma atividade que tem sido instrumento fundamental de construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania. O jornalista deve estabelecer uma relação concentrada e definida na busca por narrar a informação, que inclui auxiliar nos direitos e deveres do cidadão, quando este não consegue os exercer diretamente, exemplo de assuntos de caráter epidêmico como o zika vírus, assunto da próxima seção.

O ZIKA VÍRUS

O aumento da ocorrência de doenças provocadas pelo *Aedes aegypti*, no Brasil, tem se tornado extremamente preocupante para a sociedade e, sobretudo, para as autoridades de saúde, tendo em vista a dificuldade para controlar as epidemias e, também, pelo sistema de saúde deixar a desejar em encontrar formas para o esclarecimento das doenças, junto aos indivíduos ameaçados por elas (BARRETO; TEIXEIRA, 2008).

Vive-se, hoje, no Brasil, a introdução de mais dois arborvírus – essencialmente transmitido por artrópodes. O primeiro é o vírus chikungunya, introduzido em julho/agosto de 2014, instalado na África, e na Ásia desde 2004. O segundo é o vírus zika, introduzido possivelmente no mesmo período, na Copa do Mundo, realizada no Brasil (VASCONCELOS, 2015).

O zika vírus (ZIKV), foco desta pesquisa, é denominado um flavivírus – também classificado como um arbovírus da família Flaviviridae. Os principais sintomas causados são febre, acompanhada por outros sintomas, como cefaleia, mal-estar, dores articulares. Além disso, a associação do vírus com a microcefalia e a síndrome de Guillain-Barré – doença em que o sistema imunológico ataca os nervos – também já foram alvos de discussão na mídia (VASCONCELOS, 2015).

A associação de casos de microcefalia com o zika vírus ganhou destaque também entre os profissionais da saúde em outubro de 2015, quando os especialistas apontaram aumento dos casos nas maternidades do Nordeste. As notícias sobre essas associações começam a ser notadas na mídia na primeira semana de novembro, quando os veículos de comunicação se apropriaram das narrativas de sofrimento das mães com seus bebês atingidos pela microcefalia, expondo as histórias de sofrimento tristes destas pessoas (VASCONCELOS, 2015).

Neste momento, começam as discussões entre profissionais da saúde e jornalistas sobre o que e como comunicar questões desta natureza. Em outras palavras, esses fatos provocaram transtornos para a comunicação no campo da saúde, pois, como expõem Araújo e Cardoso (2014), este campo tem como desafio dar voz e sentido a todas as camadas sociais, partindo do princípio que todos têm seus espaços garantidos de expressões e direito a informações corretas e verídicas.

O espaço de interlocução deve dar uma atenção importante às estratégias da comunicação em saúde, uma vez que este não só reflete nas relações de poder, mas também sustenta o movimento dos que estão em posições periféricas, o que não se viu na cobertura inicial do zika (AGUIAR; ARAÚJO, 2016). Mais uma vez, a mídia atuou como mediadora do sofrimento e não como ferramenta para o esclarecimento da realidade sobre o zika, seus sintomas e os desdobramentos da infecção pelo vírus, como a microcefalia e a Síndrome de Guillain-Barré.

A informação ficou massiva em torno do sofrimento das mães e no combate ao *Aedes*. As matérias veiculadas não levaram em consideração a disseminação do vírus, mas o problema social. Para Pitta e Oliveira (1996), é preciso pensar nas estratégias de comunicação como um processo que envolve toda a sociedade e não como um objeto a ser construído para vender nos meios de comunicação de massa.

Sendo assim, pretende-se, seja na posição de pesquisadores, jornalistas, comunicólogos, analisar como intervir produtivamente nas práticas da comunicação em

saúde para avançar na direção de uma comunicação que favoreça e fortaleça uma saúde com qualidade (AGUIAR; ARAÚJO, 2016).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir das entrevistas com os três profissionais da saúde⁵, foram selecionados trechos mais pertinentes nos quais apresentaram aspectos fundamentais acerca desta pesquisa. Entre esses aspectos, destacaram-se aqueles que envolviam: questões de saúde; parcerias entre jornalistas e os especialistas da área; notícias relacionadas à epidemia do zika vírus; e os direitos da população. Após a leitura, descrição, releitura e análise do material, foi proposto a criação de três categorias de análise, no que diz respeito à organização da comunicação em saúde para conter o zika vírus, sendo estas: Conteúdo jornalístico; Estratégias de comunicação em saúde e Participação do cidadão. Inicia-se a apresentação pelo conteúdo jornalístico.

Conteúdo jornalístico

Quando os meios de comunicação de massa veiculam questões relacionadas à saúde, todos os profissionais apontaram que é preciso redobrar atenção. Para eles, deve-se buscar pela exatidão, fazendo com que o público tenha confiança sobre a informação transmitida. Seguem alguns trechos:

[...] A comunicação do tema deve então ser a mais transparente, clara e objetiva possível. Quando bem conduzida, é possível evitar a veiculação de falsas informações e alardes desnecessários na população, que podem acarretar consequências graves (Antônio Nardi).

A imprensa deve ter o cuidado de abordar informações de forma clara, precisa, comunicando o risco de forma a colaborar na prevenção sem causar alarme desnecessário, que possa induzir a população ao erro (Ivana Belmonte).

[...] priorizar a informação de qualidade. Nem sempre é feita com o profissional que dá uma resposta embasada cientificamente. Muitas vezes divulgam informações que não são as mais adequadas por conta de interesses econômicos, tentam empurrar tratamentos (...) é preciso inserir a informação com clareza, de maneira que aquilo caiba em determinado tempo (Luiz Jorge).

⁵ Os entrevistados são: 1) Antônio Carlos Nardi, Secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. 2) Doutor Luiz Jorge Moreira Neto, médico infectologista pós-graduado pelo Hospital Sírio-Libanês de São Paulo em Gestão da Clínica nos Hospitais do SUS. 3) Ivana Lúcia Belmonte, chefe do Centro de Vigilância Ambiental da Secretaria do Estado da Saúde, em Curitiba-PR.

A maneira como o assunto é abordado na mídia, ainda é um desafio, segundo os profissionais. Para um deles, ainda há assuntos que são esquecidos, assim como há informações que não são aprofundadas, principalmente sobre a questão do zika:

Houve muita desinformação sobre a questão da zika, alegando que podia ser causada por uma vacina vencida, que criada pelo homem para causar doença. Todas informações inverídicas. Pode até haver informações que se baseiam em hipóteses, desde que elas sejam bem explicadas na mídia (Luiz Jorge).

De acordo com dois desses especialistas, o foco das informações na mídia sobre saúde ainda é a prevenção. No caso das epidemias, é preciso sempre alimentar os noticiários com informações relevantes e não comunicar apenas em períodos específicos ou de crises sanitárias:

No geral, a informação importante na vigilância é a prevenção. A abordagem é que pode fazer a diferença. Muitas atitudes preventivas necessitam de mudança de comportamento, como conseguir esta adesão é que é difícil (Ivana Belmonte).

[...] deve-se falar de prevenção, incentivar a adesão às campanhas de vacinação, a prática de esportes e hábitos mais saudáveis. (...) A comunicação em saúde deve sempre ser baseada em dados de fonte fidedigna e devidamente verificados, pois eles irão corroborar as decisões pessoais de cada indivíduo, contribuindo para a adoção de comportamentos saudáveis e, quando for o caso, do tratamento adequado. Bem informadas, as pessoas podem decidir a melhor maneira de se cuidar, de se prevenir e de se tratar (Antônio Nardi).

Destaca-se, também, que a imprensa pode ser aliada nas questões de saúde pública. Campanhas como as de combate ao tabagismo, de promoção de atividades físicas e da diminuição do consumo de sal e do álcool ganham uma dimensão mais ampla, quando difundidas pela grande mídia. No caso da epidemia zika, os veículos de comunicação foram atores importantes, amplificando a campanha nacional de prevenção e de combate ao mosquito.

Antônio Carlos Nardi ressalta que todos os temas sobre saúde são relevantes e merecem atenção. Mesmo com problemas de gestão e desafios a serem resolvidos, o SUS ainda é referência na área da saúde pública:

O SUS é uma referência mundial de política universal em saúde pública. O Programa Nacional de Imunização e as campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis são exemplos para diversos países. O Brasil também é referência mundial em transplante, sendo o maior sistema público de transplantes de órgãos, tecidos e

células do mundo, com 95% dos procedimentos feitos no SUS (Antônio Nardi).

Estratégias de comunicação em saúde

Um dos profissionais da área quando questionado sobre estratégias de comunicação em saúde para conter o zika vírus, observou que, primeiramente, esse campo pode ser um instrumento de educação, na busca por despertar responsabilidades nos cidadãos e transformar a realidade do sujeito, sobretudo quando se trata de epidemias para combater o mosquito transmissor:

Antes de tudo, é preciso educar a população para que as pessoas tomem conhecimento de que é importante combater os focos. É importante mostrar que quase 80% dos focos do mosquito estão dentro dos domicílios (Luiz Jorge).

A chefe de Vigilância Ivana Belmonte destaca que esse tipo de ação precisa ocorrer também nas instituições de ensino: “É preciso envolver a educação por meio de escolas de ensino fundamental e universidades parceiras.”

Na avaliação dos entrevistados, o trabalho do jornalista, em conjunto com profissionais da saúde, fortalece as estratégias desse campo, uma vez que, mesmo quando um veículo de comunicação não conta com um jornalista especializado na área, faz-se imprescindível manter o contato com a equipe de saúde para esclarecimentos e apuração de pautas:

A comunicação do Ministério da Saúde, além de responder as demandas de imprensa, também se preocupa em divulgar suas ações, programas e propor novas pautas aos jornalistas. A imprensa também pode ser aliada nas questões de saúde pública (Antônio Nardi).

Para estreitar a relação da imprensa com as equipes de saúde, Nardi aponta que há oficinas de capacitação para os jornalistas sobre assuntos que norteiam o universo da saúde:

O Ministério da Saúde trabalha de forma atuante na área de comunicação, visando fortalecer a relação entre os assessores e técnicos para que suas fontes, como diretores e coordenadores das secretarias, assim como o próprio ministro, estejam preparadas para responder à imprensa, atendendo da forma mais esclarecedora possível, reforçando o papel da comunicação como fundamental nas ações de prevenção e controle de doenças e de promoção da saúde (Antônio Nardi).

Para dois dos profissionais, na comunicação em saúde ainda tem o desafio de o jornalista compreender técnicas no campo de saúde:

É preciso de certo conhecimento, até para fazer bons questionamentos. Creio que devem existir dificuldades pontuais, dependendo de cada gestor municipal. É preciso ter no serviço alguém que faça essa ponte (Ivana Belmonte).

Quem tem conhecimentos técnicos sobre o mosquito *Aedes aegypti* poderá fazer uma melhor leitura de cenários epidemiológicos, por exemplo. No entanto, o campo da saúde é vasto e abrange diversas áreas, indo desde o conhecimento científico até a gestão de recursos financeiros e humanos. Respeitando os diferentes campos de conhecimento e atuação de cada um é possível transmitir informações de maneira correta e adequada (Antônio Nardi).

Outra estratégia considerada fundamental nesse campo é ação a partir dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Para o doutor Luiz Jorge, esse grupo é uma alternativa para criar um contato mais próximo com a comunidade.

O objetivo era reforçar e aumentar o vínculo de participação da sociedade, bem como criar mais responsabilidade entre o serviço de saúde. Essa iniciativa de atenção à saúde visa encontrar meios para efetivar o SUS, abrindo oportunidades de aceitação e mobilização das forças sociais e políticas.

[...] se os Agentes de Saúde ficassem efetivamente na comunidade, acredito que contribuiria com a melhoria nas informações e também como uma solução para o combate ao mosquito. Talvez seja uma solução para que a população se sinta informada, tire suas dúvidas e saiba como se defender quanto às doenças, epidemias (Luiz Jorge).

De acordo com Ferraz e Aerts (2005), o Agente Comunitário de Saúde busca unir a comunidade aos serviços de saúde, facilitando a comunicação entre ambas partes. Ele, por ser morador da comunidade e ter contato frequente com as famílias, pode simplificar o trabalho de vigilância e promoção da saúde realizado pela equipe. Ele contribui na reorganização dos serviços de saúde para o sistema (CARDOSO; NASCIMENTO, 2010). Mais do que informar a população, o ACS pode levar informações ao SUS.

Como o zika vírus é uma doença nova, a cada dia surgem outras evidências que necessitam ser analisadas frequentemente e em profundidade. Esses indícios científicos que têm surgido são traduzidos em novas estratégias para gerenciamento da epidemia, principalmente, nos meios de comunicação:

[...] também é fundamental informar a população sobre as medidas preventivas contra o mosquito. Ela deve saber que o uso de repelentes e de roupas que exponham menos a pele, a instalação de estruturas de

proteção no domicílio, como tela em janelas e portas, são medidas que devem ser adotadas (Antônio Nardi).

[...] caixa de água, vasos, ralos, lajes, calhas, bandeja do ar condicionado, lixo no quintal, etc. O mosquito não gosta de ter seu repasto longe do local de postura, terá preferência por locais próximos às moradias. Adaptou-se muito bem em ambiente urbano, pois não deposita seus ovos diretamente na água. Vistoriar toda semana resolveria muito. O que falta? Mudança de postura de todos nós (Ivana Belmonte).

Participação do cidadão

De acordo com os entrevistados, cada um pode fazer sua parte para fortalecer o setor da saúde e a si mesmo. Foi apontado que, assim como a mídia, o Conselho Municipal de Saúde tem papel importante para garantir a inclusão direta da sociedade, no acompanhamento de formulação de objetivos para a área da saúde,

O cidadão tem o poder de transformação. É dever do Estado ser o provedor da saúde para população. Transmitir essas mensagens de promoção da saúde, sem dúvida fortalece a adesão a essas ações, pois assim formamos um círculo virtuoso, estimulando cada vez mais pessoas a fazê-las e promovendo efetivamente a saúde coletiva (Antônio Nardi).

Lideranças comunitárias são muito importantes na parceria da comunicação de risco, são aquelas referências que a comunidade confia. O gestor de saúde tem que manter ativo esse canal via Conselho Municipal de Saúde e também buscar ativamente aqueles que não estão inseridos neste fórum (Ivana Belmonte).

Os profissionais também enfatizam que os jornalistas deveriam perceber o público como cidadãos engajados e responsáveis, que demonstram interesse em participar das decisões, também proposto pelo movimento denominado jornalismo cívico:

Uma solução é a mídia apresentar produções com perguntas à população, que serviria para sanar as dúvidas do povo. Muitas vezes eles mostram pouco entendimento sobre assuntos da saúde e isso serviria para mostrar novos direcionamentos sobre o que passar nos meios de comunicação. Aprendo muito com as dúvidas dos pacientes. É um olhar diferente sobre cada tema (Luiz Jorge).

[...] informando de forma transparente e clara, sempre embasado sobre o tema noticiado, ele pode aproximar a problemática da população, mostrando o quanto aquele assunto pode influenciar diretamente sua vida, buscando exemplos concretos para suas reportagens. Essas características sensibilizam o cidadão e os fazem se mobilizar de maneira positiva e proativa (Antônio Nardi).

Nardi reforça que o jornalista, na situação de mediador, pode agir para mobilizar o cidadão com ações simples, como a prática de esportes, de alimentação saudável ou mesmo com a eliminação de focos do mosquito transmissor da dengue, chikungunya e zika nas casas. Transmitir essas mensagens, sem dúvida, fortalece a adesão das pessoas a essas ações, formando um círculo virtuoso, que vai estimulando cada vez mais cidadãos a fazê-las e promover efetivamente a saúde coletiva.

Em termos de divulgação, o desafio que se coloca é manter sempre em pauta as ações de controle ao vetor. Pois, sem a adesão da população, as medidas na área de saúde, por mais relevante que sejam, não serão suficientes [...] não podemos descansar nessa luta contra o mosquito e a participação deve ser sempre estimulada (Antônio Nardi).

Diante dos dados levantados com os entrevistados, pode-se inferir que, de acordo com o conteúdo jornalístico, apesar de os meios de comunicação, em alguns casos, não veicularem informações carregadas de detalhes, utilizando-se de recortes, a mídia cumpre com o seu papel de divulgar questões relevantes e de interesse público, na busca por informar.

Em consonância com Oliveira (2000), embora a produção da notícia tenha seu caráter mercadológico, é preciso levar em consideração que a mídia tem espaços para mostrar um lado crítico, interpretativo ou opinativo sobre questões de saúde. A mídia, ao cumprir com a sua função social de defender o interesse público, apresenta uma cobertura convergente em assuntos que fazem parte de uma dimensão consensual no universo da saúde (OLIVEIRA, 2000).

Na segunda categoria de análise, destaca-se que é preciso promover processos educativos, como uma possibilidade para que os cidadãos sejam agentes transformadores da realidade. A mídia pode contribuir com esse processo, por ser um poderoso instrumento para que essa prática seja efetiva, enfatizando questões saneamento e prevenção no combate ao *Aedes aegypti*.

A comunicação em saúde, segundo Velho, Lucena e Domingues (2016), mais do que informar à população, precisa compartilhar conhecimentos e práticas, que possam auxiliar na conquista de uma qualidade de vida, além de respeitar o próprio conceito de saúde definido pela OMS: estado de perfeito bem-estar físico, mental e social.

Quanto à participação do cidadão, o doutor Luiz Jorge enfatiza a importância de aproximar o cidadão das pautas de saúde na mídia, fortemente debatido pelo jornalismo cívico. Segundo Lima e Mota (2014), essa corrente tem como objetivo promover um

debate sobre a política de forma aberta e acessível com todos os cidadãos interessados, por meio do diálogo que envolve jornalistas, cidadãos e os políticos, para a construção de uma sociedade mais democrática.

O mesmo se aplica para assuntos relacionados à saúde. Se a solução dos problemas ocorridos na comunidade contar com a participação mais ativa do jornalismo, os cidadãos, sem dúvida, se sentirão mais incentivados a participar da vida pública (LIMA; MOTA, 2014).

Tabela 1 – Síntese dos dados analisados

Conteúdo jornalístico	Estratégias de comunicação em saúde	Participação do cidadão
Informações claras e objetivas	Ter como foco a educação	Conselho Municipal de Saúde
Aprofundar o conteúdo jornalístico	Envolver escolas de ensino fundamental e superior	Propor soluções de acordo com o jornalismo cívico
Alimentar o noticiário com informações relevantes	União dos jornalistas com especialistas da saúde	Reforçar ações de prevenção
Ouvir fontes variadas e confiáveis	Fortalecimento da mediação dos ACS	Fortalecer a promoção da saúde

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa merecem uma atenção especial, uma vez que ainda há desafios a serem trabalhados para que a população se mobilize e contribua para a diminuição dos focos de mosquito e, conseqüentemente, para a redução dos casos de doença e até outros males causados pelo *Aedes*.

Todos os entrevistados reconheceram a importância da mídia para a comunicação em saúde. Porém, na opinião deles, é preciso transmitir segurança ao público para certificar que o indivíduo, quando bem informado, possa decidir a melhor maneira para combater o vetor, sobretudo quando se trata de novas epidemias, como o zika vírus, uma vez que qualquer informação transmitida de maneira inadequada pode gerar efeito negativo ou colocar em risco a vida de pessoas e até fetos, como no caso da microcefalia causada pelo zika.

Para levar esclarecimento do assunto à população, os profissionais da saúde enfatizam a importância de sempre alimentar os noticiários com evidências comprovadas e resgatar o assunto sempre que possível e quando surgir novas informações pertinentes. Isso tudo sem perder a essência de uma comunicação mais transparente, clara e precisa.

Um dos atores apontados como de extrema importância neste processo é o ACS, visto que este está diariamente na comunidade e compreende a realidade dos cidadãos em seus territórios. Isso pode ser a essência, a matéria-prima de muitas pautas que atendem de forma efetiva às demandas da sociedade.

Neste cenário, os especialistas sugerem a capacitação dos profissionais da mídia, o que já é oferecido em ações promovidas pelo Ministério da Saúde. Ademais, eles acreditam que a comunicação em saúde se transforme numa ferramenta educativa, que venha oferecer incentivos às pessoas para a adoção de novos hábitos. Também é preciso envolver os cidadãos nas ações de saúde, como um sujeito portador de um saber, considerando que as práticas educativas podem ser desenvolvidas nas instituições de ensino.

Porém, o mais discutido é que a comunicação em saúde deve ser resultado de processos de interação social com vistas a consolidar a participação do povo para que este tenha o direito de ser ouvido e reconhecido, também considerado um dos princípios fundamentais do SUS.

Deve-se falar do combate, fomentar campanhas de vacinação e, acima de tudo, incentivar a participação popular e de outros atores sociais nos meios de comunicação, para que eles possam contribuir com ações nessa área, transformando a imprensa na grande aliada da saúde pública.

Este trabalho aponta como uma das alternativas para o jornalista cobrir a saúde, a adoção do jornalismo cívico. Essa corrente leva as necessidades dos cidadãos na construção das notícias, fazendo o cidadão a refletir e reconhecer seus direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R.; ARAUJO, I. S. A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, p.1-15, 2016.

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e Saúde**. Fiocruz: Rio de Janeiro, 2014.

BARRETO, M. L.; TEIXEIRA, M. G. Dengue no Brasil: situação epidemiológica e contribuições para uma agenda de pesquisa. **Estudos avançados**, vol.22, no.64: São Paulo, 2008.

CARDOSO, A. dos S.; NASCIMENTO, M. C. do. Comunicação no Programa Saúde da Família: o agente de saúde como elo integrador entre a equipe e a comunidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<<https://doaj.org/article/17ffdc64753547a9a177cb71c4c4909b>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

FERRAZ, L.; AERTS, D. R. G. de C. **O cotidiano de trabalho do agente comunitário de saúde no PSF em Porto Alegre**. *Ciência & Saúde Coletiva*. vol.10, n.2, 2005.

KUCINSKI, B. **Jornalismo, saúde e cidadania**. *Interface (Botucatu)* vol.4 n. 6, 2000.

LIMA, M. A. A.; MOTA, F. M M. Jornalismo Cívico como alternativa e ferramenta para uma prática mais social da comunicação. **Revista Pauta Geral**. Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.22-39, ago/dez, 2014.

MARÍNGOLO, A. C. P.; CRUZ, A. C. N.; RIBEIRO, C. B. **Comunicação em saúde: Conceitos e estratégias, rumo à efetivação de direitos sociais**. In: III SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462016000100137>. Acesso em: 1 abr. 2016.

OLIVEIRA, V. de C. A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.4 , n.7, p.71-80, 2000.

TOMÉ, B. M. L. **O jornalista como mediador nos espaços de informação de saúde: compreender os especialistas para informar os cidadãos**. 2003. 98f. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Minho, Portugal, 2003.

VASCONCELOS, P. Doença pelo vírus Zika: um novo problema emergente nas Américas? **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Pará, 2015. Disponível em:
<http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000200001>. Acesso em: 25 mar. 2016.

VELHO, A. M. P.; LUCENA, T. F. R.; DOMINGUES, D. Dengue na imprensa local: uma doença em notícia. **Revista da Comunicação Verso e Reverso**. v. 30, 2016.